

DO ENSINO TRADICIONAL ÀS TÉCNICAS DE FREINET: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

TRADITIONAL TEACHING TECHNIQUES TO FREINET: REFLECTIONS ON THE PRACTICE AND EDUCATIONAL PROCESS HUMANIZATION

¹PORRINO, R.C.Z.; ²SOUZA, V. C.; ³CARDOSO, P. R. M.B.; ⁴BARROS, F.C.O.M.

Departamento de Pedagogia–Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

O presente artigo de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir as práticas educativas humanizadoras, assim como os resquícios do método de ensino tradicional utilizado desde os jesuítas que ainda permeiam as escolas nos dias atuais. De acordo com Mello (2007), na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, o homem não nasce humano, mas se torna humano a partir do contato com os objetos da cultura e por meio de suas vivências e experiências que lhe são propostas. Práticas como as de Célestin Freinet vêm contribuindo para uma educação humanizadora. Seus métodos pedagógicos tenciona a construção do conhecimento pelo aluno, por meio de práticas de ensino que priorizam a criança como ser social e ativo diante da atividade pedagógica.

Palavras-chave: Humanização. Método Tradicional. Técnicas Freinet

ABSTRACT

The bibliographical article present, aims to discuss the humanizing educational practices, as well as the traditional teaching method used since the Jesuits and that even remnants still pervade in schools today. According to Mello (2007), in view of the Theory Historical- Cultural, man is not born human, but becomes human from contact with the culture of objects socially constituted through their experiences and experiences that are proposed. Practices such as Célestin Freinet have contributed to a humanizing education. His teaching methods will the construction of knowledge by the student through teaching practices that prioritize the child as a social.

Keywords: Humanizing. Traditional Teaching. Freinet Practices.

INTRODUÇÃO

De acordo com Mello (2007), na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, o homem não nasce humano, mas se torna humano a partir do contato com os objetos da cultura socialmente constituídos por meio de suas vivências e experiências que lhe são propostas. Entende-se que a criança, para se desenvolver, é necessário ter contato com a cultura criada pelos ancestrais, e isso ocorre por meio dos parceiros mais experientes que serão os mediadores neste processo de aquisição da criança.

A escola tem papel fundamental neste processo de humanização, entretanto, o ensino tradicional, ainda presente em muitas escolas do século XXI, é

¹Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia das FIO

²Graduanda do 6º semestre do Curso de Pedagogia das FIO

³Coautora da pesquisa

³Orientadora da Pesquisa

ineficaz e não considera a criança como construtora de seu próprio conhecimento. O método tradicional é utilizado desde o tempo em que jesuítas chegaram no Brasil. Mesmo com a expulsão dos jesuítas, resquícios de suas práticas de ensino ainda persistem em muitas escolas.

Nesta perspectiva e em contraponto com a prática tradicional, o presente estudo busca trazer em discussão a teoria de Célestin Freinet, educador do século XIX, que deixou técnicas de ensino que valorizam a criança como um ser em potencial, como por exemplo, o Livro da Vida, Aula Passeio, Jornal, entre outros.

EDUCAÇÃO - PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

O processo de humanização é decorrente da construção histórica da sociedade em que o indivíduo está inserido, é construído e desenvolvido pela humanidade. A humanização se dá pelo contato do ser humano, desde seu nascimento com os objetos da cultura criados pelo homem no decorrer da história. Assim “[...] os instrumentos, a linguagem, os costumes, as técnicas, os objetos materiais e não-materiais, tais como a filosofia, a dança, o teatro...” (MELLO 1999). O indivíduo não nasce humano, mas vai sendo humanizado a partir das vivências e experiências que lhe são propostas. Assim,

Ao criarmos a cultura humana – os objetos, os instrumentos, a ciência, os valores os hábitos e costumes, a lógica, as linguagens -, criamos nossa humanidade, ou seja, o conjunto das características e das qualidades humanas expressas pelas habilidades, capacidades e aptidões que foram se formando ao longo da história por meio da própria atividade humana. (MELLO, 2007 p.86).

O contato na infância com os objetos da cultura é fundamental para o processo de humanização. Levar em consideração o processo de aquisição do sujeito com os objetos e a cultura socialmente constituída faz parte de um processo de educação que humaniza. Ter a concepção de que a criança é resultado das mediações sociais em diversos espaços que ela vivencia experiências, faz com que o trabalho pedagógicas seja pensado para e com ela.

É necessário propor práticas educativas humanizadoras, que permitam às crianças se apropriarem dos objetos da cultura em que ela está inserida, a educação é parte essencial neste processo. A este respeito, Marisa Bittar afirma que:

Entendemos por educação todas as práticas destinadas a transformar a pessoa, a fazê-la transitar de um patamar para outro durante o seu processo

formativo. Nesse sentido, a educação deve visar sempre a humanização e a socialização. (BITTAR, 2004)

As práticas educativas não devem ser pensadas visando somente o conteúdo escolar, mas considerando fatores sociais e humanos para que o indivíduo possa se desenvolver socialmente e se transforme no decorrer do processo de escolarização.

No processo de apropriação da cultura humana, o educador tem papel essencial, uma vez que para que a criança aprenda a usar um objeto da cultura – linguagem, objetos materiais e não materiais, instrumentos, técnicas, costumes e hábitos –, é necessário não só o objeto, mas a presença de alguém que saiba usá-lo e que efetivamente o use. A criança não aprende porque houve alguém falando sobre um objeto, nem tampouco sozinha ou inventando um uso novo para o que encontra, mas porque atua sobre o objeto a partir de seu uso social que aprende com os outros. (RIBEIRO, 2004 p. 19)

É o professor quem fará as mediações entre o aprendiz e o aprendizado, é quem proporcionará as condições necessárias para que haja a apropriação deste conhecimento pelo aluno. O educador é o parceiro experiente que conduzirá, de maneira consistente, a criança a humanizar-se.

Entretanto, a escola não pondera que a criança é resultado das vivências e experiências mediadas pelo mais experiente, sendo o professor o mediador neste processo. Esses fatores são primordiais para se pensar em uma prática educacional humanizadora. A escola, muitas vezes, faz uma separação entre aprendizado escolar e o social, desconsidera a criança em sua totalidade.

Muitos professores acreditam que o método tradicional é eficaz, e que atende as necessidades dos alunos. Educadores conservadores, possuem resistência para conhecer novos métodos de ensino e acabam por não aceitar novas práticas.

MÉTODO TRADICIONAL DE ENSINO

No método tradicional de ensino, as aulas são expositivas não tendo qualquer interação entre o professor e o aluno e também entre aluno e aluno. O conteúdo é transmitido pelo professor e o papel do aluno é copiá-lo e memorizá-lo. Neste processo,

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo como uma verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz de assegurar a atenção e o silêncio. (LIBÂNEO, 2006 p.24)

O sistema consiste em atividades individuais, o silêncio é predominante e não há interação entre os parceiros, a troca de conhecimentos entre os alunos é vetada, acredita-se que o aprendizado acontece de maneira individual. O conteúdo é copiado e memorizado para depois ser reproduzido de maneira mecânica, sem ter significado ou sentido para o aluno.

Paulo Freire (1978), soube definir muito bem o método Tradicional de ensino quando o denominou de “Educação Bancária”. Pois neste sistema, o aluno chega na escola sem conhecimento algum e o professor é quem deposita o conhecimento no aluno, o aluno é passivo neste processo.

...o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquiva-los. (FREIRE, 1978 p.32)

O conhecimento prévio da criança é ignorado, suas vivências e experiências adquiridas em seu desenvolvimento são desconsideradas. Neste tipo de ensino, entende-se que o único conhecimento alcançado pela criança é aquele que o professor proporciona e cabe ao aluno reter o conteúdo.

Os modelos de escolas com sirenes, filas e carteiras enfileiradas vem passando por evoluções ao longo dos anos, entretanto basta voltar o olhar, ainda que superficialmente na história da educação para concluir que o ensino tradicional ainda persiste nas salas de aulas. Estudos como os de Marisa Bittar, apontam que a educação foi construída com ideologias da moral e disciplina “... prescrevendo normas padronizadas de conduta em suas escolas.” (2004).

Algumas práticas de ensino que vigoram nas escolas do século XXI são as mesmas que foram utilizadas pelos jesuítas quando o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses. Os jesuítas chegaram ao país em 1549 para educar os colonizadores e também os habitantes da Terra conquistada. No Brasil, já havia um ensino utilizado pelos índios, a aprendizagem da caça, pesca e trabalhos manuais era transmitido dos mais velhos aos mais novos. Os jesuítas não trouxeram somente valores morais

e religiosos, mas também modelos de ensino para serem aplicados nos colégios da Companhia de Jesus. Este modelo foi escrito por Inácio de Loyola denominado de Ratio Studiorum. “Foi promulgada em 1599, depois de um período de elaboração e experimentação” (GADOTTI, 2008 p. 72)

A Ratio Studiorum consiste em uma coletânea de regras utilizadas pelos jesuítas para reger a educação nos colégios da Companhia de Jesus, “...caracteriza-se como um manual prático, cujo objetivo é auxiliar o trabalho do professor. Este método contém 467 regras, cobrindo todas as atividades dos agentes envolvidos ao ensino.” (FRANCA, 1952 apud TOYSHIMA, MONTAGNOLI, COSTA, 2012).

Os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759, quando Marques de Pombal movido por interesses políticos, determina que eles retornassem para Portugal. O modelo absoluto de ensino, durou 210 anos, tendo “A educação Brasileira, com isso, vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional” (BELLO, 2001).

A ruptura no modelo educacional, no entanto, não representou, de fato, o rompimento com a escolástica, pois ainda há resquícios desse método de ensino nas escolas do século XXI. Muitos estudiosos vêm, ao longo dos anos, lutando por uma educação que considere o aluno com o protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

A partir de estudiosos da educação, novas práticas de ensino vão surgindo, como por exemplo Célestin Freinet, pedagogo do século XIX que trouxe contribuições importantes em função de uma educação humanizadora.

CÉLESTIN FREINET – UM BREVE PANORAMA

Com base nos estudos de Sampaio (2002), no século XIX nasce Célestin Freinet, no dia 15 de outubro de 1896, na cidade de Gars no sul da França. Quando ainda jovem, iniciou o curso de Magistério, entretanto, não pode concluir, pois alistou-se ao exército para atuar na Primeira Guerra Mundial.

A saúde de Freinet foi prejudicada nos campos de Guerra, seus pulmões foram afetados por gases tóxicos, foi enviado por vários hospitais até ser dispensado do serviço militar. Freinet teve a saúde fragilizada por toda a sua vida, mas isto não o impediu de dedicar sua vida aos cuidados das crianças.

Mesmo sem concluir o curso de Magistério, Freinet passou a atuar como professor-adjunto na cidade de Bar-Sur-loup no ano de 1920. Freinet passou a

observar o interesse das crianças pelas coisas externas as ensinadas na escola, seus comportamentos, as descobertas que faziam, entre outras, anotava todos os dias os progressos e os fracassos de seus alunos e utilizavam essas anotações para posteriormente refletir sobre práticas que favorecesse o processo de ensino-aprendizagem.

Em 1927, fundou a Cooperativa de Trabalho que atendia os aldeões. Entre 1926 à 1928 estabeleceu a Cooperativa de Ensino Leigo, junto com sua cooperadora e esposa Elise Freinet em Saint Paul-de-Vence. Edita seu primeiro livro A Imprensa na Escola (L'Imprimerie à L'école) e cria a revista com poemas infantis O Ramalhete (La Gerbe). Seus métodos de ensino não foram aceitos pelos pais das crianças, ele foi exonerado do cargo de professor. Voltou a trabalhar com sua esposa Elise na Cooperativa.

Em 1935 abre então sua primeira escola experimental. Utilizava-se de seus métodos de ensino natural e atendia a população carente. Escreveu três livros para ajudar a entender sua pedagogia, mas que foram publicados somente após sua morte A aprendizagem da Língua (1967); A Aprendizagem do Desenho (1969) e A Aprendizagem da Escrita (1971).

Na Segunda Guerra Mundial em 1940, foi enviado novamente aos campos de concentração, onde seu estado de saúde se agravou. Após conseguir sua liberdade por esforços de sua esposa e amigos, ele se integra ao Movimento de Resistência Francesa. Libertado, ele se dedica novamente a sua escola que se encontrava em total destruição.

Em 1956, criou a campanha de que as salas de aulas deveriam ter somente 25 alunos. Também criou o Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM).

Célestin morreu em 8 de outubro de 1966, deixando um legado que até hoje é utilizado por muitos pedagogos. Suas obras são publicadas por todo mundo, inclusive no Brasil.

Sua luta por uma educação humanizadora e ativa que correspondesse às necessidades de cada criança surge reflexos até aos dias atuais. Freinet desenvolveu em seu trabalho, técnicas que despertavam nas crianças uma consciência do meio em que ela estava inserida. Lutava contra o sistema de ensino que era incapaz de atender as necessidades e estimular o potencial de cada um.

PRINCÍPIOS DAS TÉCNICAS FREINET

De acordo com Sampaio (2002) Célestin Freinet foi criador do movimento da Escola Nova. Na elaboração de sua pedagogia, recebeu grande influência de Rabelais (1494-1553), Montaigne (1533-1592), Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827), entre outros.

Defendia que a escola deveria ter um ambiente acolhedor e de confiança para que as crianças pudessem ter a livre expressão, pois é por meio dela, que se desenvolve a fala, os gestos e a linguagem escrita.

Os técnicos pedagógicos queriam ensinar essa criança encarcerada a falar, a cantar, a pensar e a viver, mas ela apercebia-se instintivamente de toda presunção desse esforço e procurava fugir-lhe e partir à conquista do mundo por sua própria conta. Quebrámos as grades dessa cadeia e fazíamos com que a criança aprendesse a falar, a cantar, a pensar e a viver, falando, cantando e trabalhando de acordo com a sua personalidade. (FREINET, 1978)

Freinet queria que a escola tivesse relação com a vida, acreditava na educação como um método natural assim como é: andando que se aprende a andar, falando que se aprende a falar. Para ele, as crianças não entendiam as lições silabadas que eram obrigadas a memorizar como trocadilhos que não lhes faziam sentido algum.

Quando a criança começa a explorar o espaço ao seu redor, o parceiro mais experiente não utiliza métodos para que ela se movimente para engatinhar, como por exemplo: Primeiro uma perna, e somente depois que a criança aprender com uma perna ele passa e ensinar com a se mover com a outra perna. A criança aprende a engatinhar de maneira natural, sem que para isso seja necessário empregar alguma fórmula para que ela aprenda.

[...] nenhuma, absolutamente nenhuma das grandes aquisições vitais se faz por processos aparentemente científicos. É a caminhar que a criança aprende a andar; é a falar que a criança aprende a falar; é a desenhar que se aprende a desenhar. (FREINET, 1977 p.14)

Célestin Freinet fundamenta sua pedagogia em quatro eixos básicos: a cooperação (para construir o conhecimento), a comunicação (para formalizá-lo), a documentação com o chamado livro da vida (para registros diário dos fatos), e a afetividade (com o vínculo entre o educador e a criança e entre as crianças e o conhecimento).

Para ele, a aprendizagem parte das primícias da experimentação do erro, pois o professor ao observar os erros de seus alunos vai questionando o que está posto, provocando uma reflexão acerca de seus conhecimentos. O objetivo de Freinet era formar adultos mais livres, autônomos e responsáveis, levando-os a conhecer a natureza, e o seu desenvolvimento nas tarefas sociais, baseado no conceito de que a criança é um cidadão e precisa ser respeitada como tal.

A criança estava presa sob vários aspectos: moral, intelectual, e material. Ao longo de todos esses séculos, os psicólogos esmeram-se em descobrir a psicologia e o comportamento desta criança encarcerada. Nós abrimos as portas da prisão da escolástica e verificámos como é importante que se revejam as leis que se baseiam num erro de experiências. (FREINET, 1978)

A pedagogia Freinet é muito mais que uma simples proposta pedagógica, é uma filosofia de vida, é ver a criança desde muito cedo opinar ou fazer críticas sobre algo que lhe é exposto, proporcionando para ela o direito e principalmente a oportunidade de raciocinar, e transformar seu conhecimento em algo significativo.

A criança, assim como o adulto, possui uma consciência moral, e cabe ao professor aprimorar e desenvolver essa moral primitiva, tal como desenvolver a capacidade criativa e imaginativa que cada um possui dentro de si.

AS TÉCNICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR FREINET

A pedagogia Freinet não deve ser pensada de forma fragmentada, em técnicas específicas e isoladas e sim como um processo linear para aprendizagem humanizadora. É uma pedagogia que se complementa no processo de ensino. Para a referida discussão, teremos como base as obras do próprio Freinet (1969; 1975) e de Sampaio (2002).

Algumas das principais atividades referentes a essa pedagogia são: Livro da vida; aula-passeio; texto livre; jornal escolar; correspondência escolar; imprensa na escola; assembleia cooperativa; fichário escolar; exposições; ateliês; cinemateca cooperativa; biblioteca e museu da sala; biblioteca de trabalho; caixas de trabalhos; planos de trabalho; roda da conversa; e tateamento experimental.

O fato de Freinet pensar a criança como cidadã, não se abstém de conduzir o seu processo de aprendizagem, sempre proporcionando aos pequenos desafios compatíveis aos níveis de desenvolvimento de cada um.

A auto atividade, a interação e a disciplina fazem parte das experiências necessárias para o desenvolvimento infantil, exigindo assim do professor, um profundo conhecimento teórico-prático para possibilitar reflexões acerca de seu trabalho como: observar, registrar, planejar, relatar e documentar todo o processo pedagógico.

O educador tem um papel fundamental nessa pedagogia, pois é ele quem deve fornecer aos seus alunos um ambiente propício para que o aprendizado aconteça com prazer, no qual a liberdade e a confiança sejam itens indispensáveis para os pequenos se desenvolverem, “Freinet vê o educador como aquele que medeia a construção do conhecimento pela criança, ficando entre esta e a construção do conhecimento”. (ELIAS,2000).

Celestin construiu com seus alunos práticas pedagógicas que tinham como objetivo desenvolver o interesse dos alunos pela aprendizagem e aproximar a escola da vida.

As aulas-passeio atendiam a esta finalidade, em vez de discutir temas sem ligação com a vida da comunidade, Freinet saía pelas proximidades da escola com seus alunos, fazendo observações e descobertas sobre os aspectos da cultura, natureza e da vida social.

Os debates eram registrados no Livro da Vida no qual os alunos escolhiam de suas observações os fatos mais relevantes e assim criavam conceitos e organizavam os conteúdos, desenvolvendo uma série de habilidades como: atenção, observação, análise, síntese, capacidade de organização das ideias, repertório para argumentação e desenvolvimento das expressões oral e escrita.

Foi a criação do Livro da Vida que possibilitou a Freinet desenvolver a imprensa escolar, que possibilitava aos alunos a produção de textos mais próximos de seus interesses, era na imprensa que os alunos elaboravam jornais, para compartilhar a leitura com amigos e familiares.

A correspondência interescolar expandiu as fronteiras dos alunos que podiam enviar fotos, desenhos, cartas, jornais para os colegas das escolas distantes proporcionando para as crianças da escola de Freinet, que era localizada em uma montanha, conhecer a cultura e outros costumes das comunidades na qual se correspondiam.

Célestin desenvolveu a educação pelo trabalho, seus alunos lidavam com impressoras, tipos de impressão, com teares, ateliers de artes, com a horta e até

com a organização de encanamentos que levava a água da aldeia até a escola daquelas crianças.

A livre expressão sempre foi muito valorizada na pedagogia freinetiana, os alunos tinham a oportunidade de expressar seus sentimentos, suas emoções, suas reflexões por meio dos ateliers, que contavam com suportes variados como: a música, a pintura, o teatro e a palavra oral ou escrita. Para estes trabalhos, Freinet utilizava de diferentes recursos: máquinas fotográficas, câmeras e toca discos.

A aquisição do conhecimento é um direito do ser humano e para que isso ocorra, deve ser de forma significativa aos pequenos. Freinet aprofundou seus conhecimentos na prática, pois como professor primário ele pôde acompanhar e fazer investigações coletivas perto das crianças. Desta forma sua prática é embasada por suas próprias experiências e nos incansáveis registros de suas aulas, que contribuíram para o estudo do desenvolvimento da criança.

CONCLUSÃO

Percebe-se que é essencial compreender o indivíduo como um ser em desenvolvimento e, que, desde o seu nascimento, ele se apropria dos objetos da cultura. A escola é um dos meios pelo qual a criança se humaniza considerando ser um espaço social em que a criança se interage com outras crianças, havendo troca de experiências e saberes. O professor, sendo o parceiro mais experiente, é o mediador neste processo de humanização. As práticas pedagógicas devem ser pensada a partir da concepção de que o aluno é o construtor do seu próprio aprendizado, para que seja proposto as condições necessárias para o desenvolvimento da criança. Entretanto, observa-se que o método tradicional não visa práticas humanizadoras, pois, neste sistema, o método de ensino utilizado é de cópia e memorização em que o aprendizado deixa de ser significativo para o aluno. Cabe ao educador, proporcionar vivências capazes de estimular o desenvolvimento e a humanização de seus alunos. Freinet deixou um arsenal de práticas pedagógicas que permitem a criança opinar ou fazer críticas, proporcionando-lhe o direito e principalmente a oportunidade de experiência por meio das práticas pedagógicas tornando-se desta forma, um aprendizado significativo. A atuação do professor no processo de ensino-aprendizagem deve ser pautada em princípios que valorizam o sujeito. Freinet acreditava que a criança era a própria construtora de seu aprendizado, o professor é quem fornece as condições para que a criança se

apropriado do conhecimento. As técnicas de ensino de Freinet, consistia na cooperação, comunicação, trabalhos coletivos, documentação e a afetividades, estes fatores contribuem para um ensino que visa a humanização da criança.

REFERÊNCIAS

- BELLO, Luiz de Paiva. **Educação no Brasil: a história das rupturas**. 2001. Disponível em: <http://hid0141.blogspot.com.br/2011/07/educacao-no-brasil-historia-das.html>. Acesso em: 11 de abril de 2016
- BITTAR, Marisa. **História da Educação**, São Carlos SP. Editora UFSCAR, 2004.
- ELIAS, M.D.C. De Emílio a Emília: A trajetória da Alfabetização. São Paulo: Scipione, 2000. – (Pensamento e ação no Magistério).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 32.
- FREINET, Célestin. **O Método Natural III - A aprendizagem da escrita**. Lisboa, Editorial Estampa, 1977. p.14.
- FREINET, Elise. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Trad. Rosália Cruz, Lisboa, Editorial Estampa, 1978. Disponível em: <http://www.redefreinet.com.br/bibliografia-sobre-freinet/> Acesso: 10 de abril de 2016.
- FREINET, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa Editorial Estampa Ltda., 1975.
- GADOTTI, Moacir. **História Das Ideias Pedagógicas**. 8º Ed. São Paulo: ABDR, 2008. p. 72.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 24.
- MELLO, S.A. **Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygostky para a educação infantil**. Pro-posições, Campinas, v.10, n.1, mar.1999.
- _____. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva da teoria histórico-cultural: In: Perspectiva: **Revista do Centro de Educação e Ciências Humanas**. Florianópolis, v 25, p. 86. jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>.
- PIEKARZEWICZ, Janaina da Costa Leal. **Das intenções às ações: Contribuições da Pedagogia Freinet para organização da prática pedagógica na educação infantil**. 2008.
- RIBEIRO, Ana Laura. **Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Freinet: Considerações sobre a mediação entre teoria e prática no processo de aquisição da escrita/ Ana Laura /Ribeiro – Marília, 2004. p. 19.**

SAMPAIO, Rosa Maria. W. F. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2002. p. 214. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/FREINET-POR-UMA-ESCOLA-ATIVA-E-COOPERATIVA.pdf> acesso em:08/06/2016

TOYSHIMA, Ana Maria da Silva; MONTAGNOLI, Gilmar Alves; COSTA, Célio Juvenal. **História da educação no brasil colônia**, 2012.